



Cultura regional e história nacional em *Incidente em Antares*

Regional culture and national history in *Incidente em Antares*

Márcio Miranda Alves¹

Resumo: Em *Incidente em Antares* duas famílias rivais têm o controle sobre os destinos dos habitantes, refletindo a seu modo os acontecimentos nacionais no ambiente regional. Com base em documentos como diários, carta, relatórios de pesquisa e reportagens o narrador relata o formação cultural de uma cidade de fronteira, sempre sob a influência de eventos históricos promovidos em outras instâncias. Nessa análise trabalha-se como o conceito de regionalidade de Pozenato (2003) e de região sociocultural de Berumen (2005).

Palavras-chave: regionalidade; história; literatura brasileira; Erico Veríssimo

Abstract: In *Incidente em Antares* two rival families have control over the destinies of the people, reflecting on their way the national events in the regional environment. Based on documents such as diaries, letter, research reports and newspaper reports the narrator relates the cultural development of a border town, always under the influence of historical events promoted in other instances. In this analysis we work with the concept of regionality of Pozenato (2003) and sociocultural region of Berumen (2004).

Keywords: regionality; history; brazilian literature; Erico Veríssimo

1. Introdução

Desde os romances do chamado “ciclo de Porto Alegre”, passando pela trilogia *O tempo e o vento* até *Incidente em Antares*, Erico Veríssimo procura narrar os principais acontecimentos da história nacional, e por vezes internacional, sob a perspectiva de dois tipos principais de personagens: os que contribuem para determinar os destinos dos eventos, em geral de ordem política, e os que são afetados por esses mesmos eventos. Na ampla galeria de personagens do escritor, algumas transitam livremente entre o interior do Rio Grande do Sul e o núcleo do poder, seja em Porto Alegre ou Rio de Janeiro, onde participam diretamente das decisões políticas, enquanto outras ficam restritas ao universo limitado de sua região, absorvendo e refletindo nesse espaço os efeitos das decisões promovidas pelos primeiros.

Em Antares, cidade fictícia localizada na fronteira com a Argentina, a vida dos habitantes é sempre condicionada pelas ordens e decisões dos que detêm o poder político e econômico. Tanto que o narrador, logo nas primeiras páginas do romance,

¹ Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. Bolsista Capes/PNPD junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade na Universidade de Caxias do Sul (UCS).

adianta ao leitor que vai narrar a história de Antares e do “incidente” a partir da perspectiva das lideranças regionais. O narrador, que pode até mesmo ser interpretado neste momento como alter ego de Erico Veríssimo, critica a história oficial, repetida pelos livros escolares, e desculpa-se por ter que seguir o modelo convencional de narrativa histórica, baseado nas glórias de reis e imperadores, na sucessão política e nas guerras e revoluções.

Como o objetivo principal da primeira parte do romance é apresentar a cidade e seus personagens para posteriormente se chegar aos eventos macabros ocorridos em 1963, o narrador precisa concentrar-se nas oligarquias regionais, já que deve traçar o seu perfil moral e ético para logo depois desmascará-las com o discurso dos mortos-vivos. Essa opção justificaria a ausência na narrativa daqueles que “sofrem” a história, ou seja, dos que não estão no comando da engrenagem, mas, sim, são esmagados por ela.

Os livros escolares, cujo objetivo é ensinar-nos a história da nossa terra e do nosso povo, são em geral escritos num espírito maniqueista, seguindo as clássicas antíteses – os bons e os maus, os heróis e os covardes, os santos e os bandidos. [...]

Por motivos puramente de economia de espaço [...] estas páginas lamentavelmente têm seguido o espírito dos citados livros escolares, focando de preferência as duas grandes oligarquias que em Antares, durante cerca de setenta anos, disputaram o predomínio político, social e econômico. Ficaram assim na penumbra do segundo, do terceiro e do último plano todos aqueles que – para usar uma expressão de Spengler – não “fazem” mas “sofrem” a História, a saber: estancieiros menores, agricultores de minifúndios, membros das profissões liberais e do magistério e ministério públicos, funcionários do governo, comerciantes, artesãos e por fim essa massamorda humana composta de párias – brancos, caboclos, mulatos, pretos, curibocas, mamelucos – gente sem profissão certa, changadores, índios vagos, mendigos, “gentinha” molambenta e descalça, que vivia num plano mais vegetal ou animal do que humano, e cuja situação era em geral aceita pelos privilegiados como parte duma ordem natural, dum ato divino irrevogável. (VERÍSSIMO, 2000, p. 24-25)

Essa espécie de *mea culpa* do narrador consiste numa questão central da

representação da História na obra ficcional de Erico Veríssimo. A preocupação com o ponto de vista do narrador já aparece nas reflexões de Floriano Cambará, nos episódios “Caderno de pauta simples” de *O tempo e o vento*, e traduz em parte as inquietações do escritor com a forma literária. Se nos primeiros escritos, nos anos 30, esses questionamentos não são expostos de maneira direta, é porque o “problema” já está resolvido na configuração dos próprios personagens, pobres e marginalizados que tentam sobreviver às imposições dos ricos na cidade urbanizada. A partir do momento em que o escritor volta-se para a representação da cultura e da identidade de seus pares, o “problema” ganha novos contornos porque a ficção passa a ser uma ferramenta de desconstrução da História oficial e implicações de outra ordem precisam ser consideradas.

Incidente em Antares segue a esteira de *O tempo e o vento* e *Antares* reúne uma série de características que a identificam com uma região sociocultural do Rio Grande do Sul. Segundo Berumen (2005, p. 56, tradução nossa), uma região sociocultural pode ser reconhecida “a partir de um conjunto de valores compartilhados pelos habitantes de um mesmo território; pelas formas de vida cotidiana que a identificam a uma comunidade e a distinguem das demais; pela existência de um passado histórico comum [...]”. *Antares* funciona como centro convergente desse “conjunto de valores” e nessa cidade todos os eventos gravitam em torno das famílias oligárquicas Vacariano e Campolargo. São elas que direcionam os rumos da História, refletindo os fatos que ocorrem na esfera suprarregional – no caso, Porto Alegre – e nacional.

Desde o início da rivalidade entre os dois clãs, todas as grandes decisões impostas pelo núcleo do poder estadual e federal são reproduzidas num esquema de forte dicotomia. Essa rivalidade exacerbada, que deflagra a violência e a vingança, não chega a ser uma exclusividade da cultura gaúcha, podendo ser observada em narrativas literárias de outras regiões, uma vez que rivalidades cultivadas de geração em geração marcaram o Brasil colônia e, em muitos casos, até a Primeira República.² No caso de *Incidente em Antares*, o mais interessante, ao que parece, é que o dualismo nasce como um reflexo de acontecimentos longínquos, os quais são narrados de forma a fortalecer certos aspectos de regionalidade da cultura gaúcha.

Por regionalidade entenda-se o conjunto de relações que definem uma determinada região, aquilo que traz a marca do *regional* (Pozenato, 2009, p. 26), a qual não se restringe necessariamente às delimitações geográficas. Muito diferente de

2 Sobre esse tema, ver: PINTO, Luiz de Aguiar Costa. *Lutas de famílias no Brasil*: introdução ao seu estudo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

regionalismo – este identificado a um programa ideológico, com objetivos de enaltecer e exaltar, com um discurso laudatório, determinados aspectos de uma cultura para defendê-la de uma perspectiva voltada para um centro (STÜBEN, 2013, p. 50) –, o conceito de regionalidade, no âmbito interno de uma obra, aponta, entre outros aspectos, a maneira com que a literatura reflete e pode atuar sobre a imagem de uma região. Em suma, “a regionalidade pode ser definida como uma dimensão espacial de um determinado fenômeno tomada como objeto de observação” (POZENATO, 2003, p. 151). O regionalismo, por conseguinte, seria apenas mais uma manifestação de regionalidade no campo literário, entre tantas outras.

2. Regionalidade e dicotomia

Em “Antares”, primeira parte do romance, o narrador trata de apresentar a cidade desde os primeiros documentos que se referem à sua história, a partir do diário de um fictício naturalista francês chamado Gaston Gontran, que teria percorrido o Sul do Brasil entre 1830 e 1831, até o ano de 1963, quando ocorre o incidente da greve dos coveiros e a reivindicação dos mortos pelo justo sepultamento. Nesse trecho que se refere a quase metade da narrativa, pode-se acompanhar os principais eventos históricos do período e a maneira com que eles foram recebidos pelos habitantes da cidade localizada na Região Missioneira.

Embora alguns críticos como Fresnot (1977, p. 62) a vejam como uma síntese do Brasil, preferimos considerá-la como um microcosmo do Rio Grande do Sul, uma pequena localidade que representa a pluralidade cultural gaúcha, não mais restrita ao universo do pampa como a literatura gaúcha de uma forma geral procurou enaltecer desde o romantismo até o modernismo. O que revela, seguindo-se a trajetória dos romances de Erico Veríssimo, a tentativa de ampliar a abrangência espacial da representação da sociedade gaúcha, que passaria necessariamente por diferentes (micro)regiões e não se resumiria à Região da Campanha nem ao gaúcho caracterizado como tal pela vestimenta e pelos hábitos, sem descolá-la dos rumos propostos pela esfera nacional.³

Nesse ambiente marcado pela dinastia de duas famílias poderosas, não fica evidente qualquer referência à luta por terra, o que evidencia uma acomodação da classe superior com as condições de posse já adquiridas. O componente que deflagra a rivalidade dos dois grupos rivais tem origem na política e simboliza a vontade de impor o

3 O “gaúcho típico” da Campanha que surge no romantismo e que vem a configurar a cultura gaúcha como expressão-síntese de regionalidade sempre foi visto com desconfiança e até mesmo ironia por Erico Veríssimo, conforme pode-se verificar em seus livros de memórias e entrevistas. A ideia central de seu romance social, de uma narrativa que desmitifique a história da formação do gaúcho, também busca modificar essa imagem padrão e libertá-la de possíveis distorções.

mando através do poder. Assim, quando os Campolargo organizam o Partido Conservador, os Vacariano fundam o Partido Liberal. Enquanto os Vacariano discordam da abolição da escravatura, os Campolargo comemoram a decisão com fogos de artifício. Mais tarde, durante a Revolução Federalista, uma família fica ao lado dos republicanos e a outra dos liberais, cuja representação da violência no plano da ficção não fica distante do que registra a historiografia. O mesmo se repete na revolução gaúcha de 1923, ocasião em que os Vacarianos aderem ao movimento de contestação ao presidente do Estado Borges de Medeiros e os Campolargo, por sua vez, atuam na defesa do governo.

Nesse período, o narrador também coloca o leitor a par dos posicionamentos pessoais durante a Guerra do Paraguai, a emancipação de Antares de São Borja, a Proclamação da República, a entrada do século XX e as facilidades advindas com o progresso material, a Primeira Guerra Mundial, a industrialização, o comunismo, o modernismo e a Era do Jazz. A rivalidade entre Vacariano e Campolargo inclui até mesmo coisas pequenas do cotidiano. Havia uma corrida para definir quem adquiriria as novidades progressistas por primeiro, a exemplo do aparelho de telefone. Quando um Vacariano comprou o primeiro automóvel, um Oldsmobile, logo em seguida um Campolargo mandou buscar na Alemanha um da marca Benz.

Em seu diário, denominado “Jornal de Antares”, o professor Martim Francisco Terra, que coordena uma pesquisa sociológica na cidade, registra os exageros dessa bipolarização, que vai além da concorrência entre duas famílias ricas e afeta todos os habitantes.

Mal chegamos a Antares e já nos querem envolver nas brigas locais. Esta cidade em matéria de rivalidades tem um caráter por assim dizer binário. No futebol ou se é do Fronteira F. C. ou do S. C. Missioneiro, e não há como escapar. Na vida social, ou se é do Clube Comercial ou do Clube Caixeiral. Já me perguntaram se pertencço ao grupo do Dr. Lázaro Bertioga ou ao do Dr. Erwin Falkenburg, os dois médicos mais importantes e antigos da terra, inimigos de morte um do outro. Cada um deles tem grande número de clientes devotados que de certo modo são também soldados duma legião, a qual, se necessário, é capaz de ir à guerra contra a facção inimiga. (VERÍSSIMO, 2000, p. 152)

O panorama histórico que acentua a divisão entre duas famílias inimigas também

pontua as mudanças culturais que colocariam em choque os homens apegados aos costumes tradicionais e os mais jovens, que estudam em Porto Alegre e trazem para Antares “uma visão mais larga do mundo e da vida” (VERÍSSIMO, 2000, p. 31), e que começam a trocar nas paredes de suas residências os retratos de antepassados mortos em molduras douradas por pinturas modernas.

Essa rivalidade entre dois clãs distintos também está presente em *O tempo e o vento*, mais acentuadamente entre as famílias Cambará e Amaral. A inimizade que surge nos embates políticos e ideológicos do século XIX, entre conservadores e liberais, ganha contornos de uma guerra pessoal a partir da Revolução Federalista, reacende na revolução de 1923 e arrefece somente às vésperas da revolução de 1930. Nos embates em torno da abolição dos escravos, os republicanos usam o jornal *O Democrata* para defender a causa dos negros, já os liberais publicam o jornal *O Arauto* para questionar os ideais propagados por Júlio de Castilhos. Nesse tema em particular, percebe-se a intenção do escritor de questionar os eventos em torno da questão servil e da implantação da república. Enquanto os republicanos da ficção repetem chavões que falam da abolição como uma causa humana, em benefício da Pátria, as falas de outras personagens e a presença das escravas domésticas revelam as contradições do problema.

De uma forma mais acentuada em *Incidente em Antares*, a divisão entre dois polos antagônicos, que nasce na política e se estende para coisas banais do cotidiano, consiste numa das principais marcas das regionalidades internas na narrativa. Evidentemente há outras, como os hábitos alimentares, o coronelismo, as relações de poder no âmbito familiar, a tentativa de preservação de costumes antigos que são caros à cultura local, etc. Todos esses sinais de regionalidade que são matéria-prima da representação literária tornaram-se parte da identidade sulina a partir dos discursos da ficção literária – na exaltação de um passado glorioso e heroico, da nobreza de caráter e da democracia racial no campo – e são colocados em cheque na obra de Erico Veríssimo. Embora uma leitura apressada possa identificar certa validação desse passado idílico, a um olhar mais acurado percebe-se a fina ironia do narrador na descrição do caráter das personagens.⁴

Os eventos que alimentam a rivalidade das famílias Vacariano e Campolargo acentuam aspectos como a violência, a disputa de poder, a corrupção e a falta de liberdades individuais. Nesse sentido, a narrativa não foge à representação de aspectos culturais do habitante da região e acentua o temperamento corrompido de personagens

4 Gonzaga (1980, p. 118) aponta que a o processo de transfiguração do gaúcho não ocorreu de forma instantânea nem uniforme, mas, sim, “durou várias décadas, encontrou muitas formulações e teve o seu coroamento apenas no século XX, quando a oligarquia precisou aglutinar a seu projeto político as novas forças sociais existentes na província”.

que não se constroem com posturas mandatárias e opressivas. Não por acaso repetindo a História, o entendimento entre os Vacariano e os Campolargo ocorre às vésperas da Revolução de 1930, quando o então deputado Getúlio Vargas reúne os líderes das duas famílias e consegue fazer com que estes assinem um “tratado de paz”. O aperto de mãos entre os líderes dos dois clãs simboliza a união dos partidos políticos em torno do projeto de fazer de um gaúcho o presidente da república.

3. História nacional e técnica de narrativa

Para dar conta da pluralidade de referências históricas, as quais vão incidir sobre as ações e reações das personagens, o narrador de *Incidente em Antares* traz para o fluxo narrativo a transcrição de diários (do naturalista Gaston Gontran, do Padre Pedro Paulo e do professor Martim Francisco Terra), carta (do padre missionário Juan Bautista Otero), relatório de pesquisa (“Anatomia duma cidade gaúcha de fronteira”), áudios de noticiário radiofônico (Repórter Esso) e reportagens de jornal (*Correio do Povo*).

Essa técnica de narrativa indireta é largamente empregada em *O tempo e o vento*, em que Erico Veríssimo apoia-se em citações de jornais e revistas para erguer o painel histórico da trilogia. Isso não significa que o escritor persiga a verdade dos fatos ou queira apenas reproduzir na ficção detalhes registrados pela imprensa. Ao inserir na ação narrativa alguns trechos de notícias de jornal, o escritor procura através do narrador representar “como poderia ter sido” a reação dos leitores frente aos eventos noticiados. Esse “como poderia ter sido” inclui inclusive a ficção do noticiário, uma vez que muitas reproduções são fruto do imaginário do escritor, enquanto outras podem ser localizadas nos jornais citados pelo narrador. Com esse recurso técnico, fortalece-se a verossimilhança de eventos históricos e aumenta-se a sensação de verdade para o leitor.

Nesse caso, a representação da História ganha uma espécie de selo de legitimação, levando o leitor a confiar no relato, e destaca a importância da imprensa enquanto meio de aproximação entre o sujeito comum, habitante de uma pequena cidade distante dos principais centros urbanos, e o palco dos acontecimentos – geralmente a Capital Federal e outras metrópoles brasileiras. Além disso, o recurso de apropriação de registros jornalísticos também acaba por representar a história da imprensa gaúcha, marcada pelo discurso doutrinário tanto em jornais oficiais de partidos políticos quanto em empreendimentos particulares. Durante muitas décadas essa imprensa fomentou o debate ideológico e contribuiu de alguma forma para os rumos da política regional, favorecendo inclusive certos arranjos do sistema partidário rio-grandense.

A inserção dessas referências históricas da esfera nacional via documento – fictício

ou não – tem sobre as personagens o mesmo efeito provocado por “uma pedra que cai no lago”, usando aqui o título do primeiro capítulo do romance *O resto é silêncio*, do mesmo escritor. Na obra de 1943, que encerra a fase do “ciclo de Porto Alegre”, “a pedra que cai no lago” faz uma alusão ao efeito que a morte de Joana Karewska causa sobre as testemunhas de sua morte. Ou seja, enquanto para muitos a queda da descendente de poloneses do alto de um edifício foi apenas um acontecimento que quebra a rotina de mais um dia comum, para outros a morte tem consequências marcantes e vai afetando a todos como ondas que se multiplicam.⁵

A mesma imagem pode-se observar em *Incidente em Antares* na representação do suicídio de Getúlio Vargas. As notícias do pedido de licenciamento e, posteriormente, da morte do presidente chegam pela voz do locutor do Repórter Esso. Pelo imediatismo do relato oral, que percorre longas distâncias até chegar ao destinatário, o rádio amplia a dramaticidade da narrativa.

Quando, cerca das oito e meia da manhã, tornou a soar a charanga do Repórter Esso, Tibério teve um sobressalto e correu para junto do rádio, com um mau pressentimento a apertar-lhe o peito, dificultando-lhe a respiração. De novo a voz do locutor:

Rio. Urgente. O Presidente Getúlio Vargas acaba de suicidar-se com um tiro no coração, às oito horas e vinte e cinco minutos, em seus aposentos particulares do Palácio do Catete.

Tibério ficou estonteado. Não conseguiu entender as palavras que a seguir o locutor pronunciou. Deu uma volta sobre si mesmo, deixando o cigarro cair. Teria ouvido direito? *O Getúlio tinha metido uma bala no coração...* Santo Deus! Era o fim do mundo... Sentou-se, afrontado, esforçando-se por escutar o repórter, que continuava a falar... *foi encontrado num bilhete do próprio punho do Presidente: “À sanha de meus inimigos deixo o legado da minha morte. Levo o pesar de não ter podido fazer pelos humildes tudo aquilo que desejava”.*

Lentas lágrimas escorriam pelo rosto do velho Tibério Vacariano. Saiu a vaguear pela casa e acabou entrando outra vez no seu

5 Essa técnica também foi usada pelo escritor em *O Retrato*, segunda parte da trilogia *O tempo e o vento*. Por ocasião do assassinato do senador Pinheiro Machado, a notícia de sua morte chega em Santa Fé pelo telégrafo. A representação do fato histórico ganha proporções cada vez maiores a partir da recepção da informação pelos personagens, primeiro pelo telegrafista, em seguida o intendente, os chefes políticos locais, a telefonista, o público do cinema, o clube social e, por fim, a família Cambará.

quarto. A mulher agora estava fechada no quarto de banho, em cuja porta ele bateu. “Que é” - pergunto ela. “Lanja, o Getúlio se suicidou”. Um grito: “Quê?” E ele: “O Repórter Esso acaba de noticiar que o Dr. Getúlio meteu uma bala de revólver no coração. Está morto”. Curto silêncio. Depois se ouviu um pranto convulsivo vindo de dentro do quarto de banho. Tibério encaminhou-se para a cozinha. (VERÍSSIMO, 2000, p. 84-85)

A seguir, o narrador passa a descrever as reações de outras personagens à morte do presidente, como a cozinheira Dráusia, que pergunta “E agora, que vai ser dos pobres?”, e Quitéria Campolargo, que comenta “Este é um dos momentos mais trágicos da história do Brasil. A nossa história não é rica em dramas pessoais”.

Nessa representação apresentada a partir do cruzamento de diferentes pontos de vista, a região sociocultural deixa de produzir bens simbólicos genuinamente regionais e pitorescos, abrindo-se cada vez mais às novidades impostas pela modernidade. Como bem observa o narrador, “o telégrafo, o cinema, os jornais e revistas que vinham de fora, a estrada de ferro e, depois de 1925, o rádio – contribuíram decisivamente para aproximar o mundo de Antares ou vice-versa” (VERÍSSIMO, 2000, p. 29). Antares não está isolada do resto do país e grandes eventos respingam sobre os seus habitantes, fazendo com que uma parte deles também participe da história em curso.

Como estratégia narrativa, essa aproximação não se apresenta apenas na forma de registro jornalístico. Se no diário do naturalista francês as informações recuperam um tempo distante do momento da escrita do romance, acentuando alguns aspectos reconhecidos como da cultura local – postura autoritária do nativo, desconfiança em relação ao estrangeiro e exaltação da natureza bucólica –, no livro “Anatomia duma cidade gaúcha de fronteira”, resultado de estudo empírico, as informações atualizam o tempo presente da narrativa, descrevendo o perfil da gente que habitava e governava Antares à época do incidente. Conforme diz o professor Martim Francisco, os pesquisadores querem saber “que tipo de cidade é Antares, como vive a sua população, qual o seu nível econômico, cultural e social, os seus hábitos, gostos, opiniões políticas, crenças religiosas, as suas...vamos dizer, superstições, em suma... tudo!” (VERÍSSIMO, 2000, p. 128).

Acusado, por um lado, de ser um agente comunista, e por outro, de ser financiado pelo departamento de estado norte-americano, Martim Francisco encontra resistência para realizar o estudo na pequena cidade. Neste contexto, algumas das principais

questões que pautavam a política nacional – entre elas a ameaça comunista e o nacionalismo exacerbado – são reproduzidas no ambiente de Antares e usadas como escudo contra o levantamento científico. Indignados com o conteúdo do livro, os habitantes discordam do resultado da pesquisa e de praticamente tudo que está publicado na obra, dividida em capítulos temáticos como “O boi e a máquina”, “Hábitos e tabus alimentares” e “Livros e literatura”.

A rejeição à pesquisa orientada pelo sociólogo Martim Francisco indica que os leitores, membros da alta sociedade antarense, não possuem discernimento para interpretar sua própria realidade. Um dos capítulos que mais causa revolta no grupo é o que trata do bairro pobre chamado Babilônia, cuja descrição é interpretada pelos leitores como “apaixonada”, “parcial” e “até política”. Diz o texto, na leitura do prefeito Vivaldino Brazão:

“Homens, mulheres e crianças aqui vivem – se a isto se pode chamar viver – na mais terrível promiscuidade, num plano mais animal do que humano, sem malocas feitas com pedaços de caixotes e de latas... sem o mais elementar serviço sanitário... bebendo a água poluída duma lagoa próxima... pisando nas próprias fezes... etc... etc... e comendo o que catam nos monturos de lixo da cidade”. Ah! Ouçam agora esta: “O visitante que se aproxima desse arraial da miséria e da desesperança sente de longe o fedor que dele se exala, mesmo nos dias sem vento...” Vamos ver mais adiante... aqui! “No verão as crianças dessa aldeia fantasma morrem como moscas, de disenteria e desidratação. Encontram-se aqui, entre os grandes e os pequenos, casos crônicos de tuberculose e outras doenças propiciadas pela subnutrição. Dá pena ver os olhos entre espantados e tristonhos dessas criaturinhas esqueléticas, que, quase todas, sofrem de ancilostomíase... sempre cercadas de enxames de moscas, precoces candidatas à vala comum”. [...] (VERÍSSIMO, 2000, p. 138-139)

Com esse estudo, o narrador onisciente consegue esquivar-se de sua obrigação de se concentrar na história dos representantes das oligarquias. A reprodução de trechos do livro funciona como uma alternativa à narrativa histórica, por essa via capaz de incluir nos registros a existência de excluídos como os do bairro Babilônia. Nesse cenário apontado

pela “anatomia”, a realidade de uma pequena cidade de fronteira incorpora-se à realidade nacional, cujos problemas estruturais mal resolvidos no passado, aliados às consequências do capitalismo e da urbanização, afetam a federação em sua unidade.

Num livro de história como “Anatomia duma cidade gaúcha de fronteira”, escrito nos anos de 1960, não há mais sentido para a descrição das atividades do Centro de Tradições Gaúchas Chimarrão da Saudade, como gostaria de ler o prefeito de Antares. Nem a ideia deste, de comprar uns dez exemplares da obra e queimá-los em praça pública, como manifestação de protesto, poderia ser levada a cabo. Segundo alerta do secretário Mendes, o preço de cada volume custa caro e a prefeitura não possui verba. Em outras palavras, o interesse financeiro, mesmo que público, sobrepõe-se à qualquer ação prática.

Tomando-se esses dois exemplos de voz narrativa indireta, uma radiofônica, mais identificada com a tradição oral, e outra literária, atrelada ao estudo científico, pode-se perceber a preocupação do escritor em fornecer ao leitor o maior número possível de detalhes do ambiente em que se passa a estória, bem como as formas com que esse ambiente dialoga com eventos ocorridos em espaços diferentes. O estudo sociológico documenta a vida dos habitantes de Antares num momento específico do tempo histórico, amplia as possibilidades narrativas do narrador e, ao mesmo tempo, cria um mal-estar entre os leitores regionais, despreparados para lidar com os problemas do presente que não são exclusivos dessa região. O relato oficial também desperta posicionamentos individuais que ajudam a tipificar as personagens de acordo com sua ética e moral. A voz do locutor da mesma forma auxilia o narrador, ampliando para o leitor a sensação dramática dos ouvintes do rádio, e coloca os habitantes de um canto remoto do Brasil no centro dos acontecimentos. O rádio encurta a distância e faz as personagens sentirem-se parte da história em curso.

Como microcosmo do Rio Grande do Sul, Antares sofre os efeitos da matéria nacional, tornando-se aquela um espelho desta. Dessa forma, a narrativa ficcional vai costurando a cultura regional e a história nacional até o ponto de sua indissolubilidade.⁶

Na segunda parte do romance, chamado de “Incidente”, Antares está totalmente integrada ao momento histórico nacional. A violência não está mais ligada a rivalidades ideológicas regionais, mas, sim, à defesa de ideais de humanismo, liberdade, igualdade e de direito à greve, como no resto do país. A pobreza, a tortura, a corrupção e a censura,

⁶ A ideia de entrecruzamento de duas perspectivas até o ponto de uma “indissolubilidade”, neste caso a literarização da região e a regionalização de sua literatura, é usada por Jürgen Joachimsthaler e citada por: STÜBEN, Jens. Literatura regional e literatura na região. Tradução Thiago Benites dos Santos. In: ARENDT, João Claudio; NEUMANN, Gerson Roberto. *Regionalismus – regionalismos: subsídios para um novo debate*. Caxias do Sul: Educs, 2013. p. 40.

antes realidades exclusivas das grandes cidades, agora afetam a todos os habitantes, inclusive aqueles de uma pequena cidade de fronteira. Pelo menos no que tange à História, as peculiaridades regionais perdem em boa parte seu sentido puritano, restando alguns hábitos e costumes típicos. A divisão entre dois grupos, porém, persiste. Agora entre ricos e pobres, os burgueses e os desprovidos de posses. O narrador faz questão de ressaltar isso quando relata o cortejo fúnebre de Dona Quitéria, cujos detalhes não escapam ao olhar do repórter Lucas Faia.

Poucos metros atrás dos rapazes tradicionalistas rodava o coche fúnebre, seguido de dois outros carros abertos atestados de coroas de flores naturais e artificiais. Seguiam-se, em solene multidão, os automóveis que traziam autoridades municipais, estancieiros, comerciantes, industriais e outros membros da alta burguesia local: Mercedes, Impalas, Cadillacs, Oldsmobiles, Chryslers e outros carros caros. Lucas Faia tivera o cuidado de colocar todas essas viaturas na sua ordem hierárquica, pois as menores, de origem inglesa, francesa e principalmente os Volkswagen, eram os últimos da longa fileira. Fechava o cortejo a massa humana que se arrastava anônima a pé. (Os pesquisadores do Prof. Martim Francisco Terra que, fazia poucos meses, tinham estudado a anatomia de Antares, na certa não deixariam de anotar aquele escalonamento social em termos de veículos). (VERÍSSIMO, 2000, p. 213-214)

Conforme a ação da narrativa avança em direção a 1963, ano em que ocorre o “incidente”, a região cultural em questão sofre mudanças significativas, não apenas no âmbito do capital, como bem se percebe no trecho citado acima. Muito embora algumas personagens ainda resistam a encarar o novo, atuando na defesa de uma tradição supostamente estendida a todos os habitantes desta região, a rapidez na circulação de informações e a mobilidade do homem moderno acabam por enfraquecer qualquer ideia de originalidade do meio. O cavalo há muito deixou de ser o principal meio de transporte. Não há mais espaço para manifestações ufanistas como as que marcaram o regionalismo do tipo laudatório e ideológico. O estudo sociológico de Martim Terra, realizado com método científico, reforça essa ideia.

As personagens Tibério Vacariano e Rodrigo Cambará, este protagonista de *O tempo e o vento*, representantes dessa transição sociocultural, vivem nos romances um

roteiro semelhante. Ambas são herdeiras da oligarquia e aproximam-se de Getúlio Vargas por ocasião da Revolução de 1930. As duas personagens mudam-se para o Rio de Janeiro, trabalham para o presidente e mais tarde retornam às suas cidades de origem, onde morrem de doença e não numa guerra ou revolução, como gostariam. Nessa representação o gaúcho acaba traindo os ideais liberais ao defender o regime totalitário do Estado Novo e, no final, sucumbe diante do esfacelamento das instituições, sintetizado pelo suicídio de Getúlio Vargas. Essas e outras semelhanças entre os dois romances indicam a continuidade de um projeto romanesco que se estende dos anos 30 aos 70, como já apontou Antonio Candido (1972).

A aproximação entre os que fazem a História e os que são apenas afetados por ela é bem estreita em *Incidente em Antares*, assim como já ocorre em *O tempo e o vento*. Se por um lado as pessoas renegadas pela sociedade ganham voz apenas após a morte – caso da prostituta Erotildes, do alcoólatra Pudim de Cachaça e do idealista João Paz, morto numa seção de tortura por suposto envolvimento com um grupo comunista –, por outro as lideranças locais participam amplamente do processo histórico corrente. De toda forma, as medidas adotadas pelas famílias Vacariano e Campolargo, seguindo orientações de instâncias político-ideológicas superiores, refletem sobre todos os habitantes da localidade. Mesmo que estes não queiram participar do processo histórico imposto, para eles não existe outra alternativa.

Em *O tempo e o vento*, essas personagens que apenas “sofrem” a História aparecem em breves relatos orais, intercalados entre os episódios da trilogia, como é o caso de Dona Picucha e de João Caré. Nos episódios centrais do romance, não há mais lugar para o protagonismo das vítimas da história. Em “Reunião de família”, por exemplo, os diálogos em torno da era Vargas ocorrem ao redor do leito de Rodrigo, que se recupera de embolia pulmonar. Nesse espaço, diversas personagens apresentam suas opiniões sobre os assuntos em discussão, quase sempre em torno da política nacional e seus reflexos no contexto regional. Nesse caso, a galeria de tipos tem o comunista (Eduardo Cambará), o religioso (Padre Zeca), o estancieiro-sociólogo (Terêncio Prates), o intelectual (Roque Bandeira), o literato liberal (Floriano Cambará) e o governista (Rodrigo Cambará). As vozes cruzadas dessas personagens reproduzem os discursos correntes da época e apresentam diferentes versões para os últimos acontecimentos políticos e sociais, fortalecendo a inserção de agentes locais no processo histórico nacional.

Em *Antares*, por sua vez, os habitantes não podem falar sobre os eventos ocorridos na cidade, uma vez que a “operação borracha”, assim denominada pelas lideranças, impõe o silêncio sobre a população, numa clara alusão à censura estabelecida pelo

regime militar. Não bastasse a falta de liberdade, os habitantes precisam também apagar de suas memórias tudo que foi visto e ouvido no coreto da praça de Antares. Os crimes de tortura, de corrupção e omissão na assistência médica denunciados pelos mortos-vivos devem ser esquecidos, ou melhor, considerados como apenas um sonho ou um delírio.

Em última instância, não apenas o destino histórico, mas também a memória individual e coletiva dos habitantes que estão à margem da sociedade dependem da decisão dos que detêm o controle político, administrativo e policial. Por fim, na representação literária da história em *Incidente em Antares* as personagens agem de acordo com modelos de comportamento conhecidos da cultura regional, os quais estão vinculados aos rumos da matéria nacional e formam um todo coerente, cruzando-se constantemente em toda a narrativa.

4. Considerações finais

No âmbito das regionalidades internas observadas em *Incidente em Antares*, a dicotomia das forças políticas na representação literária da histórica gaúcha mostra-se a mais determinante para a configuração de uma cultura regional. Em meio a outros elementos que são identificados com a região sociocultural de Antares, o exercício do mando e do poder a partir de dois grupos principais sobrepõe-se a tudo, uma vez que a sociedade caminha na direção de suas escolhas e decisões.

Vacarianos e Campolargos, desde a constituição de Antares como uma vila, assumem o controle sobre a vida dos habitantes locais e são os protagonistas da história. Os acontecimentos da esfera nacional são recebidos pelos integrantes dessas famílias e, somente depois, refletidos sobre os demais integrantes da região. Estes são excluídos do processo de desenvolvimento social e, por consequência, esquecidos pela história e pelo narrador do romance, que opta por se concentrar nos movimentos da oligarquia rural. Nesse sentido, apenas os que “fazem” a história são objetos de atenção do narrador, já que o discurso dos mortos-vivos na praça tem a função justamente de desmascarar a hipocrisia e a opressão dos poderosos.

Para apresentar os principais eventos da história nacional, e como estes influenciam os destinos dos protagonistas, o narrador emprega a técnica de narrar a estória a partir de documentos primários, fictícios ou não, como o diário, a carta, o relatório, a reportagem de jornal e o áudio de programa de rádio. Esse recurso amplia o efeito de verossimilhança da narrativa, na medida em que o leitor identifica os registros históricos como algo que teria acontecido dessa forma, bem como auxilia o narrador em

sua tarefa de construir um fundo histórico coerente com os fatos e os discursos durante o “incidente”.

Nessa representação da história e da cultural regional em *Incidente em Antares*, Erico Veríssimo transita por dois momentos distintos do período, traduzidos nos dois capítulos do romance. No primeiro, o destaque fica por conta da formação de uma comunidade de fronteira, com seus hábitos e costumes particulares, modelo do Rio Grande do Sul, que se desenvolve ao longo do século XIX até meados do XX, chegando ao período do regime militar. Embora distante dos centros de poder, essa região não está isolada e os habitantes reagem, cada um a seu modo, aos eventos históricos suprarregionais, notadamente em maior escala os políticos. No segundo, as divergências estão acomodadas e o exercício do poder está concentrado em um único grupo, não mais dividido por questões ideológicas. A falta de liberdade e a opressão continuam vigentes, mas, nesse momento, com outras motivações, atreladas à manutenção do regime militar e ao combate de ideias ditas comunistas.

Em síntese, a cultura regional e a história nacional entrecruzam-se a todo o momento na narrativa. Os grandes acontecimentos desencadeados pelas lideranças políticas e sociais chegam a Antares e são reproduzidos no ambiente interiorano, desencadeando novos eventos e revelando o caráter das personagens. É nesse feito técnico, de ação e reação, que o narrador mostra controle absoluto sobre sua narrativa. Se por um lado o Rio Grande e o gaúcho assumem determinada imagem no imaginário nacional, não é menos verdade que a nação também influencia a maneira de ser do homem da fronteira, mesmo que seja em sua postura regionalista de proteção dos valores regionais.

Bibliografia

BERUMEN, Félix Humberto. **La frontera en el centro**. Ensayos sobre literatura. Mexicali, Baja California: Universidad Autónoma de Baja California, 2005.

CANDIDO, Antonio. Erico Veríssimo de trinta e setenta. In: CHAVES, Flávio Loureiro (org.). **O contador de histórias**: 40 anos de vida literária de Erico Veríssimo. Porto Alegre: Globo, 1972. p. 40-51.

FRESNOT, Daniel. **O pensamento político de Erico Veríssimo**. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1997.

GONZAGA, Sergius. As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura. In: DACANAL, José Hildebrando; _____ (Orgs.). **RS: cultura e ideologia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 113-132.

PINTO, Luiz de Aguiar Costa. **Lutas de famílias no Brasil**: introdução ao seu estudo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

POZENATO, José Clemente. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: _____. **Processos culturais**: reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul: Educs, 2003. p. 149-157.

_____. **O regional e o universal na literatura gaúcha**. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

STÜBEN, Jens. Literatura regional e literatura na região. Tradução Thiago Benites dos Santos. In: ARENDT, João Claudio; NEUMANN, Gerson Roberto (orgs.). **Regionalismus – regionalismos**. Caxias do Sul: Educs, 2013. p. 37-73.

VERÍSSIMO, Erico. **Incidente em Antares**. São Paulo: Globo, 2000.

_____. **O tempo e o vento I - O continente**. Porto Alegre: Editora Globo, 1956. v. 2.

_____. **O tempo e o vento III - O arquipélago**. Porto Alegre: Editora Globo, 1963. v. 3.